

Orientar a economia para a criação de empregos

202

por S. Stéfani
de São Paulo

Uma guinada completa dos rumos da política econômica, com a adoção de uma melhor distribuição de renda como ponto de partida de um novo caminho que viabilize a produção de bens de consumo destinados às camadas de mais baixa renda da população. Esta é a síntese da proposta defendida por José Marcio Camargo, professor do departamento de Economia da PUC/RJ, durante o painel sobre a questão social.

Camargo partiu do princípio de que o País está muito próximo do caos social e econômico. E defendeu a idéia de que somente a partir de uma melhor distribuição da renda nacional seria possível animar os empresários a investir na produção de bens de consumo destinados a faixa da população de mais baixa renda que são, no seu entender, exatamente os que mais utilizam mão-de-obra em sua fabricação.

Ele lembrou que 90% da população brasileira ganha, hoje, menos de cinco salários mínimos, enquanto 60% não consegue ultrapassar a casa dos dois salários mínimos. "São pessoas que estão consumindo apenas o barco e, mesmo isto, de forma precária", comentou. "Com um perfil de

renda nesta natureza, não há, de fato, como atrair a iniciativa privada para a produção, por exemplo, de habitações populares".

ENGANO

Comete-se, hoje, no Brasil, na opinião de Camargo, um engano grave, ao se defender, na esfera governamental, que uma política salarial do tipo da estabelecida pelo Decreto-lei nº 2.065, possa, na medida em que fa cair o peso da folha de pagamento das empresas, contribuir para reduzir a inflação e/ou gerar mais empregos.

"O mais provável, sobretudo na questão do emprego, é que vá suceder exatamente o contrário", alertou. Acredita o professor da PUC/RIO que a política salarial atualmente em vigor, ao reduzir o poder aquisitivo dos trabalhadores, vai levar a uma redução do consumo que, por duas vezes, levará a uma diminuição da produção, seguida de um inevitável aumento de desemprego.

"Trata-se de uma política negavelmente recessiva", definiu Camargo, acrescentando considerar duvidosa a eficácia dessa política também no que diz respeito ao combate à inflação. "Está claro, hoje, que a inflação brasileira não está ligada aos salários, mas a crise.

(Continua na página 4)

Orientar a economia ...

CONT. 202

por S. Stéfani
de São Paulo
(Continuação da página 2)

cambial atravessada pelo País", disse. "É até irônico culpar-se os salários — este ano está sendo a melhor prova disto: os salários estão baixando e a inflação aumentando."

Para ele, o que falta ao Brasil, hoje, é uma opção de médio prazo. "Com a falsa opção de curto prazo que estamos fazendo, estamos abrindo uma enorme buraco no médio prazo", diz. "No fundamental, o dilema que hoje nos colocamos é o seguinte: estamos dispostos a compactuar com a destruição do parque industrial que construímos a tão duras penas?", disse. "Se a resposta que dermos a esta pergunta for não, está na hora de todos, empresários e trabalhadores, começarem a lutar pela mudança da política econômica — caso contrário, ficaremos cada vez mais próximos do caos social e econômico."

Camargo colocou como fundamental a alteração dos rumos da política econômica em direção aos caminhos da criação de emprego. E, referindo-se às armadilhas da recessão, definiu-as com uma frase: "A recessão brasileira não levará a nada". Foi veemente: "É falso, além disso, o pretexto de que, com a recessão, pagaremos nossa dívida externa. Não chegaremos a lugar algum com a recessão."